



SENTIDOS SOBRE O INDÍGENA EM DICIONÁRIOS ONLINE

Marieli Zanotto

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFFS

1. Introdução

O presente trabalho, resultado da pesquisa de dissertação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, teve por objetivo analisar como o funcionamento do verbete “indígena” nos dicionários online constitui imaginários sobre o indígena e os coloca em circulação. Para tal, buscamos uma articulação entre Análise de Discurso pecheutiana e a História das Ideias Linguísticas, uma vez que para analisar o funcionamento do verbete “indígena” tomamos os dicionários como objeto discursivo, ou seja, em sua sujeição ao equívoco. Com isso, pretendíamos questionar a ilusão de transparência da linguagem e seu efeito de evidência, a partir das tecnologias que instrumentalizam as línguas, neste caso os dicionários online.

Entendemos que os dicionários, envoltos por um imaginário de transparência, certeza e neutralidade, nos quais os sentidos são sempre corretos, completos e verdadeiros, podem servir de referência para o processo de significação. Sendo assim, podem nos dizer muito sobre a história e a sociedade, visto que se configuram um material interessante para se observar os modos de dizer de uma sociedade e os discursos em circulação em certas conjunturas históricas (Nunes, 2006), visto que se trata de objeto histórico, que reflete a realidade de seus falantes, representando o funcionamento de uma língua em determinado período, de maneira contextualizada histórica e ideologicamente.

A questão de pesquisa que moveu a dissertação foi: Como o funcionamento do verbete indígena nos dicionários online produz sentidos sobre o indígena e os coloca em circulação? Objetivando respondê-la traçamos como objetivo geral: analisar como o funcionamento do verbete “indígena” nos dicionários online produz sentidos sobre o indígena e os coloca em circulação. Para atendê-lo, elaboramos os seguintes objetivos específicos:



- Problematicar o dicionário online como instrumento linguístico;
- Discutir efeitos da memória discursiva, da memória metálica, memória digital da memória tecnodiscursiva na produção de sentidos em dicionários online;
- Apresentar e interpretar as regularidades presentes nos dicionários online sobre o indígena;
- Problematicar o lugar discursivo do indígena nos dicionários online.

2. Metodologia

Para a constituição do *corpus*, antes dedicamo-nos ao estado da arte, realizando um levantamento teórico de produções acerca da dicionarização, da produção de sentidos em dicionários e dos instrumentos linguísticos, a fim de garantir aporte teórico à pesquisa, além de levantamento dos dicionários de língua portuguesa online, inclui-se também dicionários de sinônimos e antônimos. A opção pela inclusão dos dicionários de sinônimos e antônimos se dá por entendermos que as palavras sinônimas estão dentro de uma mesma rede de filiação de sentidos, assim será possível identificar palavras a que se atribui o estatuto de sinônimo em relação à indígena, e com isso, compreender a construção de sentidos e saberes sobre esse sujeito. Da mesma forma, consideramos que a inclusão do dicionário de antônimos pode revelar-se produtiva para a reflexão sobre sentidos apresentados como incompatíveis ou opostos a indígena.

Para o levantamento dos dicionários online, pesquisamos na internet por dicionários online, que resultou em 13 (treze) dicionários, sendo que seis deles, além do dicionário de Sinônimos e Antônimos, são sites colaborativos, ou seja, seus conteúdos são constituídos por colaborações de usuários internautas. O funcionamento dos dicionários colaborativos implica metodologicamente na construção do corpus e nas análises, pois eles compreendem uma perspectiva ampla e dinâmica que requer a consideração das múltiplas vozes e contextos presentes nas contribuições dos usuários.

Posteriormente, definiu-se o verbete de entrada, a partir do qual realizou-se a “busca de entrada” nos dicionários, optou-se, então, pelo verbete “indígena”. A justificativa para a escolha deste verbete é devido a busca histórica dos povos originários pela ressignificação de representações conferidas por nomenclaturas generalizantes. Tomando o verbete “indígena”, realizamos a pesquisa nos dicionários.



Tendo em vista que alguns dos dicionários são sites colaborativos, o que possibilita a intervenção dos usuários nas definições, e que dicionários online têm possibilidade de serem (re)editados em frequência maior do que dicionários tradicionais, importa ressaltar que as buscas ocorreram nas datas de 27 e 28 de junho de 2023. Conforme destaca Dias (2015, p. 975) “o tempo do digital é o do acesso. Um arquivo digital é sempre atual ou, melhor dizendo, passível de atualização pelo acesso”, isso porque, a cada vez que um arquivo digital é acessado, as condições de produção desse acesso são outras, consequentemente, os sentidos podem ser outros.

Por meio do efeito “palavra-puxa-palavra” (Petri, 2018) realizou-se um levantamento de palavras que mobilizam/movimentam sentidos sobre o sujeito indígena, observando possíveis regularidades, a partir das quais serão selecionados recortes, que constituiram o *corpus* da pesquisa. O *corpus* foi analisado, mobilizando conceitos e noções conforme demanda do próprio *corpus* e do gesto interpretativo, além disso, importa ressaltar que sustentamos a análise teórico-metodologicamente, na relação entre intradiscursos e interdiscursos e no dispositivo teórico-analítico do funcionamento da paráfrase discursiva.

3. Resultados e discussão

Por meio de “palavra-puxa-palavra”, buscamos pelos verbetes oferecidos como definições para “indígena”, as palavras oferecidas pelos dicionários com maior recorrência foram: autóctone; aborígene; originário; índio; nativo; natural. A partir das definições apresentadas para essas palavras, identificamos algumas regularidades, as quais consideramos que podem produzir sentidos sobre os indígenas e, com isso, (re)produzir imaginário sobre eles colocando-os em circulação, como a inscrição do indígena no passado, a vinculação do indígena a um espaço físico específico, a pretensão de neutralidade ou esquiva em definir o indígena.

Tanto nas definições para “indígena” quanto nas dos demais verbetes como autóctone, aborígene, originário, índio, nativo e natural, identificou-se a inscrição do indígena no passado. Desse modo, as SDs extraídas podem ser interpretadas, por meio de paráfrase discursiva, que indígena, aborígene e índio são apenas aqueles quando do período da colonização e, que após a chegada e colonização pelos europeus, deixaram



de ser ou passaram a ser outra coisa.

Identificamos também a recorrente vinculação com um espaço físico/geográfico específico. As definições fazem referência à indígena como algo ou alguém que é originário e/ou natural do local onde se encontra e/ou habita. Novamente, por meio de paráfrase discursiva, pode-se compreender então, que aquele que se encontra em um espaço que não corresponde ao seu local de origem/nascimento não é (mais) indígena. Com isso, para ser (ou permanecer sendo) indígena, faz-se necessário manter-se em um local determinado, caso contrário deixa-se de sê-lo.

Outra regularidade identificada é o emprego de recursos linguísticos que, a partir de nosso gesto interpretativo, compreendemos como uma (tentativa de) demonstração de neutralidade, a qual é pleiteada pelos dicionários. Diante disso, pode-se compreender esse uso como uma forma de isentar-se da responsabilidade que é nomear e/ou definir, uma vez que apresenta uma definição, ao mesmo tempo em que dissimula quem diz.

No que refere-se aos dicionário de sinônimos, dizer “indígena” é o mesmo que dizer “aborígene” ou “autóctone” e vice-versa, igualmente, enunciar o verbete “índio” seria o mesmo que dizer “selvagem”. Sendo assim, ao fazermos uso de tais palavras, pode-se produzir sentidos que não são os que gostaríamos ou pretendemos, isso porque elas carregam consigo sentidos do que já foi dito antes, assim, como afirmam Zanotto e Stübe (2022), quando enunciamos uma palavra, ela não significa somente aquilo que pretendemos, mas também carrega toda essa memória.

Já os verbetes apresentados como antônimos de “indígena” novamente apontam para uma vinculação do indígena com um espaço físico/geográfico determinado, conforme demonstram as SDs, uma vez que em se tratando de palavras que teriam sentidos opostos a indígena e que a designação para tais corresponde a algo ou alguém que não possui esse vínculo com determinado local, por consequência o “indígena” tem ou deveria ter essa relação com o local.

4. Considerações finais

Por meio das análises, identificamos como regularidade a inscrição dos discursos dos dicionários em FDs que remetem ao discurso colonizador, seja ele do “descobrimento” ou do processo de colonização no sul do país, decorrente da política



imigratória vigente no período imperial e republicano, que tinha como objetivo preencher o “vazio demográfico” (Renk, 2007) da região. Nas definições para o verbete “indígena” e equivalentes, percebemos que ocorre uma oscilação entre FDs, ora tem-se a inscrição no lugar discursivo de instrumento linguístico, ao realizar a classificação sintática dos termos e ao pretender neutralidade com uma aparente esquivia de definição, e ora tem-se a inscrição em lugares discursivos relativos à colonização, ao definir os verbetes relacionados a “indígena” como pertencente ao passado, que (deve) pertence(r) a um único lugar e permanecer nele, como primitivo e selvagem.

O funcionamento do verbete “indígena” nos dicionários online (re)produz imaginários sobre o indígena ao enunciar inscrevendo-se em redes de filiação de sentidos que correspondem ao discurso colonizador. Os dicionários, por meio de suas definições, reforçam estereótipos e idealizações acerca desses sujeitos, estabilizando sentidos que concebem a existência de um indígena verdadeiro ou ideal, a existência de uma única forma de ser indígena. Esses estereótipos e idealizações (re)produzem imaginários sobre o indígena que o relacionam ao passado, a permanência em um lugar físico/geográfico e ao déficit, a falta. Ao assumir também a posição de tecnologia de instrumentalização da língua, ou seja, uma posição de certa autoridade sobre a língua e referência para o processo de significação, os dicionários online fazem com que esse imaginário idealizado e estereotipado se consolide.

Referências

NUNES, J. H. **Dicionários no Brasil**: análise e história do século XVI ao XIX. Campinas: Pontes Editores, 2006.

DIAS, C. Análise do discurso digital: sobre o arquivo e a constituição do corpus. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 44, n. 3, set.-dez. 2015, p. 972-980.

PETRI, V. “História de palavras” na história das ideias linguísticas: para ensinar língua portuguesa e para desenvolver um projeto de pesquisa. **Revista conexão Letras**, 13(19), 2018, p. 47-58.

RENK, A. Território e Alteridade: construções sociais do oeste catarinense. In: NACKE, A.; RENK, A.; PIOVEZANA, L.; BLOEMER, N. M. S. **Os Kaingang no Oeste Catarinense**: tradição e atualidade. Chapecó: Argos, 2007

ZANOTTO, M; STÜBE, A. D. Imaginário sobre o indígena: produção de sentidos em dicionários de língua portuguesa. **Interfaces**, v. 13, n. 3, 2022, p. 104-118.